

# A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

Rедактор principal—CARLOS JOSÉ DE SOUSA

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho



PORCAPO D'ESTADO  
PORTUGAL

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores

ANO V — Número 1.506

Terça-feira, 23 de Outubro de 1923

PREÇO — 20 CENTAVOS

Editor—Carlos Maria Coelho

Redacção, Administração e Tipografia

Calçada do Combro, 38-A, 2.º Lisboa — PORTUGAL

TELEFONE—5339-C

Oficinas de impressão—Rua da Atalaia, 114 e 115

A melhor maneira de auxiliar  
A BATALHA é aumentar-lhe  
— o número de leitores :—

Que cada leitor trate de ar-  
ranjar outro leitor e a tiragem  
de A BATALHA duplicará

## Escândalos

## OS PRESOS

de São Julião da Barra  
enviaram uma representação ao presidente  
da república

A sociedade portuguesa tem, nestes últimos anos, apresentado aspectos de verdadeira dissolução moral. O descalabro a que chegam faz-nos meditar.

O caso dos sessenta milhões de moedas em que anda envolvido o nome do sr. Antônio Lúcio de Azevedo é sintomático. Não se trata apenas dum caso isolado, em que só um indivíduo está comprometido. O sr. Lúcio de Azevedo, sentindo o tormento tremor-lhe debaixo dos pés, fez ameaças, gritou que poderia trazer a público nomes de «políticos venais» que o tentaram a fazer negócios escusos. E o parlamento acobardou-se, fez todo o possível para que esses nomes não fossem revelados.

A política não é afinal uma luta de princípios, é uma luta de negociantes. A sombra dos interesses do país, os políticos arranjam-se, governam a vida. Esse Lúcio, por exemplo, era um pot-bretão. Como se explica que presentemente ande do automóvel e se rodeie de confortos que tanto dinheiro custam?

Lúcio de Azevedo não é único entre os políticos arranjistas. Inúmeras são as que, mercê de grandes sacrifícios pela pátria e pela república, gozam agora de grandes fortunas.

O director da Casa da Moeda prometeu fazer grandes revelações no parlamento, diria os nomes de indivíduos que o haviam convidado para negócios escusos.

Uma troupe composta por José Calçado, Manuel Matos, «Pintor» e outros, capitaneada pelo Cruz, agente técnico da Casa da Moeda, ali conhecido pelo «engenheiro», foi para o parlamento afim de aplaudir a palavra do mestre, Lúcio de Azevedo, porém, não pode ontem falar. Foi pena...

Oxalá o sr. Azevedo fale, po-  
nhia a descoberto toda essa cábila que rouba. Entretanto, poderá ficar certo o sr. Lúcio de que o facto de acusar os outros não lava as suas próprias nódous.

Siga a dança...

Os presos de São Julião da Barra mandaram ontem entregar, por suas famílias, ao sr. presidente da república o seguinte documento:

«A S. Ex.<sup>a</sup> o Senhor Presidente da República.

E' óbvio que na qualidade de presos nesta fortaleza, há 3 meses a tanto sem ser formada a culpa e consequentemente forte das leis da Constituição dos Sindicatos Operários — que tem recebido cartas que nos deixam perceber como bombistas e ainda assim dentro duma atmosfera de terror.

Assim atingidos, jugamos-nos naturalmente nas condições de ir ao encontro, contestando cabalmente as inexplicáveis cartas citadas, que só por intenção reservada poderiam ser enviadas a S. Ex.<sup>a</sup>.

Demais sabemos que o lado moral não é o bastante para justificar a condenação a que estamos voltados sem sermos condenados. São essas criaturas nossas inimigas? Serão.

Mas então não serão também inimigos do regime impondo ilegalmente a situação em que nos encontramos, sabido como é que são estas violências arbitrárias que menos pacificam uma sociedade? São esses, senhor presidente, que excedendo o zelo mantenedor de

Costumamos, senhor presidente, através de tudo — desmentir os argumentos sem base, com factos, — mas factos indescutíveis.

E' verdade que somos presos mas também é verdade que somos sobre todos homens. E, como homens nos dirigimos a sua ex.<sup>a</sup> na certeza de que nos há-de escutar também como homem e depois como presidente da república, fazendo-vos — Justica — mas Justica a que temos legalmente direito.

Torre de São Julião da Barra, 21 de Outubro de 1923.—Os presos por questões sociais.

Como se entende, pois, que desde que nos encontramos presos elas não tem rebentado?

Costumamos, senhor presidente, através de tudo — desmentir os argumentos sem base, com factos, — mas factos indescutíveis.

E' verdade que somos presos mas também é verdade que somos sobre todos homens. E, como homens nos dirigimos a sua ex.<sup>a</sup> na certeza de que nos há-de escutar também como homem e depois como presidente da república, fazendo-vos — Justica — mas Justica a que temos legalmente direito.

Torre de São Julião da Barra, 21 de Outubro de 1923.—Os presos por questões sociais.

Entre nós

MONÇÃO, 20.—Pelos políticos de Melgaço, aliados aos que Monção, vai ser oferecido amanhã ao sr. Norton de Matos, um grande banquete. Os políticos de Monção se tivessem vergonha, dada maneira desdenhosa como o alto comissário os tratou, não acederiam ao convite.

Vindos de Lisboa, tem passado aqui muita gente que vai visitar o imperador.

Mas o que tem vindo de graca, é que é volta vem tudo desanimado, porque a uns não o recebe S. Ex., a outros fá-lo-los esperar dois e três dias.

Serão destas qualidades todos os amigos do imperador de Angolá? — C.

## ABASTECIMENTOS

Chegou o «Glaucio» com 50 tone-  
ladas de peixe

Com cerca de 50 toneladas de peixe, chegou ontem ao porto de Lisboa, vin-  
do da costa de Marrocos, o vapor «Glaucio», do Comissariado dos Abastecimen-  
tos. O peixe será vendido nas barracas que se encontram espalhadas pela ci-  
dade, aos seguintes preços: pescada a 35\$20; marmota a 28\$20; cachorro a 18\$20; goraz e pargo a 3\$20.

Amanhã são inaugurados novos pos-  
tos de venda nos seguintes locais: ruas  
das Taipas, largo de Arroios, largo do  
Socorro, rua Pascoal de Melo e Merca-  
do de S. Bento.

## Resultados da guerra

CONSTITANTOPOLIS, 22.—Um na-  
vão italiano bateu de encontro a uma  
mina no golfo de Ismed tendo-a afun-  
dado em dez minutos e tendo morrido  
mais de 100 pessoas.

Foram 100 automóveis para Peso de  
Melgaço e chegados aí, recusaram-se

No dia 16 também aqui passou o sr. José Augusto Ferreira, administrador da União Construtora, Ltda. de Lisboa, acompanhado dum outro ca-  
veiro cujo nome desconhecemos. Foram visitar o imperador.

Foram 100 automóveis para Peso de

Melgaço e chegados aí, recusaram-se

No dia 16 também aqui passou o sr. José Augusto Ferreira, administrador da União Construtora, Ltda. de Lisboa, acompanhado dum outro ca-  
veiro cujo nome desconhecemos. Foram visitar o imperador.

Foram 100 automóveis para Peso de

Melgaço e chegados aí, recusaram-se

No dia 16 também aqui passou o sr. José Augusto Ferreira, administrador da União Construtora, Ltda. de Lisboa, acompanhado dum outro ca-  
veiro cujo nome desconhecemos. Foram visitar o imperador.

Foram 100 automóveis para Peso de

Melgaço e chegados aí, recusaram-se

No dia 16 também aqui passou o sr. José Augusto Ferreira, administrador da União Construtora, Ltda. de Lisboa, acompanhado dum outro ca-  
veiro cujo nome desconhecemos. Foram visitar o imperador.

Foram 100 automóveis para Peso de

Melgaço e chegados aí, recusaram-se

No dia 16 também aqui passou o sr. José Augusto Ferreira, administrador da União Construtora, Ltda. de Lisboa, acompanhado dum outro ca-  
veiro cujo nome desconhecemos. Foram visitar o imperador.

Foram 100 automóveis para Peso de

Melgaço e chegados aí, recusaram-se

No dia 16 também aqui passou o sr. José Augusto Ferreira, administrador da União Construtora, Ltda. de Lisboa, acompanhado dum outro ca-  
veiro cujo nome desconhecemos. Foram visitar o imperador.

Foram 100 automóveis para Peso de

Melgaço e chegados aí, recusaram-se

No dia 16 também aqui passou o sr. José Augusto Ferreira, administrador da União Construtora, Ltda. de Lisboa, acompanhado dum outro ca-  
veiro cujo nome desconhecemos. Foram visitar o imperador.

Foram 100 automóveis para Peso de

Melgaço e chegados aí, recusaram-se

No dia 16 também aqui passou o sr. José Augusto Ferreira, administrador da União Construtora, Ltda. de Lisboa, acompanhado dum outro ca-  
veiro cujo nome desconhecemos. Foram visitar o imperador.

Foram 100 automóveis para Peso de

Melgaço e chegados aí, recusaram-se

No dia 16 também aqui passou o sr. José Augusto Ferreira, administrador da União Construtora, Ltda. de Lisboa, acompanhado dum outro ca-  
veiro cujo nome desconhecemos. Foram visitar o imperador.

Foram 100 automóveis para Peso de

Melgaço e chegados aí, recusaram-se

No dia 16 também aqui passou o sr. José Augusto Ferreira, administrador da União Construtora, Ltda. de Lisboa, acompanhado dum outro ca-  
veiro cujo nome desconhecemos. Foram visitar o imperador.

Foram 100 automóveis para Peso de

Melgaço e chegados aí, recusaram-se

No dia 16 também aqui passou o sr. José Augusto Ferreira, administrador da União Construtora, Ltda. de Lisboa, acompanhado dum outro ca-  
veiro cujo nome desconhecemos. Foram visitar o imperador.

Foram 100 automóveis para Peso de

Melgaço e chegados aí, recusaram-se

No dia 16 também aqui passou o sr. José Augusto Ferreira, administrador da União Construtora, Ltda. de Lisboa, acompanhado dum outro ca-  
veiro cujo nome desconhecemos. Foram visitar o imperador.

Foram 100 automóveis para Peso de

Melgaço e chegados aí, recusaram-se

No dia 16 também aqui passou o sr. José Augusto Ferreira, administrador da União Construtora, Ltda. de Lisboa, acompanhado dum outro ca-  
veiro cujo nome desconhecemos. Foram visitar o imperador.

Foram 100 automóveis para Peso de

Melgaço e chegados aí, recusaram-se

No dia 16 também aqui passou o sr. José Augusto Ferreira, administrador da União Construtora, Ltda. de Lisboa, acompanhado dum outro ca-  
veiro cujo nome desconhecemos. Foram visitar o imperador.

Foram 100 automóveis para Peso de

Melgaço e chegados aí, recusaram-se

No dia 16 também aqui passou o sr. José Augusto Ferreira, administrador da União Construtora, Ltda. de Lisboa, acompanhado dum outro ca-  
veiro cujo nome desconhecemos. Foram visitar o imperador.

Foram 100 automóveis para Peso de

Melgaço e chegados aí, recusaram-se

No dia 16 também aqui passou o sr. José Augusto Ferreira, administrador da União Construtora, Ltda. de Lisboa, acompanhado dum outro ca-  
veiro cujo nome desconhecemos. Foram visitar o imperador.

Foram 100 automóveis para Peso de

Melgaço e chegados aí, recusaram-se

No dia 16 também aqui passou o sr. José Augusto Ferreira, administrador da União Construtora, Ltda. de Lisboa, acompanhado dum outro ca-  
veiro cujo nome desconhecemos. Foram visitar o imperador.

Foram 100 automóveis para Peso de

Melgaço e chegados aí, recusaram-se

No dia 16 também aqui passou o sr. José Augusto Ferreira, administrador da União Construtora, Ltda. de Lisboa, acompanhado dum outro ca-  
veiro cujo nome desconhecemos. Foram visitar o imperador.

Foram 100 automóveis para Peso de

Melgaço e chegados aí, recusaram-se

No dia 16 também aqui passou o sr. José Augusto Ferreira, administrador da União Construtora, Ltda. de Lisboa, acompanhado dum outro ca-  
veiro cujo nome desconhecemos. Foram visitar o imperador.

Foram 100 automóveis para Peso de

Melgaço e chegados aí, recusaram-se

No dia 16 também aqui passou o sr. José Augusto Ferreira, administrador da União Construtora, Ltda. de Lisboa, acompanhado dum outro ca-  
veiro cujo nome desconhecemos. Foram visitar o imperador.

Foram 100 automóveis para Peso de

Melgaço e chegados aí, recusaram-se

No dia 16 também aqui passou o sr. José Augusto Ferreira, administrador da União Construtora, Ltda. de Lisboa, acompanhado dum outro ca-  
veiro cujo nome desconhecemos. Foram visitar o imperador.

Foram 100 automóveis para Peso de

Melgaço e chegados aí, recusaram-se

No dia 16 também aqui passou o sr. José Augusto Ferreira, administrador da União Construtora, Ltda. de Lisboa, acompanhado dum outro ca-  
veiro cujo nome desconhecemos. Foram visitar o imperador.

# OS MARÍTIMOS

e as opiniões do "armador" sr. Correia da Silva

O jornal *A Pátria*, escolhido por vários pretendentes armadores para assustar os marítimos, mas escondidos de trás de várias pessoas, que escrevem espiando o odioso contra esta classe que lhes tem enchedo os cofres à conta de muito suor e de vidas, continuou as suas diatribes, não permitindo sequer, como manda a lealdade, que eles se defendam no mesmo lugar onde são offendidos.

E assim que *A Batalha* publicou o meu primeiro comunicado que levemente lhe regeitado pela *A Pátria*.

Mas o sr. Domingos Cruz, o autor das primeiras diatribes, volta ao assunto já um pouco mais humano sobre os marítimos.

E' claro que não nos move espírito de censura ao facto do sr. Cruz ter sido enfermeiro naval, isso só o pode aproximar de nós, e temos fé de que, quando se resolver a tratar do assunto como nos convida a nós a fazer, hâde acabar por nos dar razão quando o tirar do campo das abstracções para o colocar no único campo em que o podemos colocar:

*Podemos viver com os salários atuais?*

S. Ex. tem casa e família; indague quanto ganhamos e esperamos que responda à sua consciência e comunique a resposta aos seus leitores.

A seguir pontifico sobre Marinha Mercante o sr. Correia da Silva. O artigo começa pela choradeira do costume sobre os prejuízos ao nosso comércio marítimo que urge desenvolver, mas não há uma palavra só para um governo que está triunfando sobre o resto dos Transportes Marítimos, instilando criminosamente um valioso elemento de trabalho. Ou não estivemos juntos os armadores (?) e os agentes de navegação (cujos interesses brigam em todos os campos de parte a parte) a representarem a comédia *Os marítimos*.

Os camaradas não conhecem o sr. J. Correia da Silva?

Pois vou apresentar-lho.

Ponco nos importa & físico, a não ser uma pose autoritária quando trata de Marinha Mercante, que faz parecer verdade tudo quanto afirma, e que para o nosso caso se contém no seu artigo.

Tem S. Ex. uma longa prática de mar, adquirida nos botes & guigas de um clube de recreio qualquer da praça de Lisboa. Peito forte, voz forte, um pouco de sorte, e está feito um patrão... e até um comedour. Um dia vai-lhe para as mãos um navio, e está o indivíduo armado em armador.

Vem a guerra, e S. Ex. traz uma frota inteira, formada de alguns navios minúsculos, espécie de trapinhos e tarecos juntos, perfeita de infelizes, que os val-vens da sorte ajuntaram, e que em momento de abundância compraram cheios de muitas ideias (mas só de ideias) de grandezas. Não há um só dos navios chamados do sr. Correia da Silva que proporcionem comodidades ao pessoal, além das poucas que lhe dão os navios antigos.

Pois o sr. Correia da Silva comeu dos lucros da tal frota, onde se incluem rebocos & lanchões que durante todo o ano cruzaram a temível Biscaya, com sacrifícios que não pode ajudar quem conhece o mar só dos gasóleos de refeição. Pois só estes servidores honestos e prestantes que o sr. Correia da Silva aponta, com ingratidão aos olhos do público.

mérico até à situação de falsear a própria verdade num documento oficial. De coisa alguma valerá o expediente. Os ferroviários darão à portaria pública na Ordem o destino que se dá aos papéis inúteis.

Plínio Silva a despeito de todos os expedientes empregados, já não é, quer queira, quer não, virtualmente, o director dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste. Um director que moralmente é expulso por uma classe não pode continuar à frente dessa classe, sob pena de ser esmagada a disciplina e de desaparecer o respeito imprescindível entre dirigentes e dirigidos.

Como político fui. Como técnico fui. A sua situação hoje é esta: Incompatibilizado politicamente com o governo, por este não ter castigado os seus parecidos, o gesto de Raul Esteves e dos oficiais do Batalhão de Sapadores dos Caminhos de Ferro, o que o levou à renúncia do lugar de deputado.

Incompatibilizado com a classe ferroviária do Sul e Sueste, por sobreclaro cometido todas as violências, o que o levou a expulsá-lo moralmente.

Com um curso de engenheiro, a parente de capitão do exército e trinta e dois anos de idade, é o mais que se pode conseguir... socialmente.

Só lhe resta um gesto para se cometer:

Impô a demissão ao signatário, utilizando para isso o cômodo efecto da lei, vendendo assim livre dos seus adversários por uma forma prática e simples, embora pouco séria e honesta.

Que o faça, porque iremos para a rua, moralmente cheios de prestígio e de força, por não termos até hoje traído ninguém, e muito menos enganado uma classe. Para a rua iremos por efeito da lei, posta ao serviço dum adversário, que moralmente se desqualificou, mas ainda com a suficiente autoridade moral para gritarmos como ferroviário que o somos e que seremos, mesmo mortos, em nome da classe ferroviária do Sul e Sueste:

Rua, sr. Plínio Silva, rua... Miguel CORREIA

## NOTA OFICIOSA

Mantém-se as prisões dos ferroviários Margelino da Costa, António Maria dos Santos, Francisco Zorro e José Augusto Monteiro. Os três primeiros continuam nos quartos do governo civil de Lisboa, julgando-os que como compensação do gesto dos ferroviários da Casa Branca, há tempo quando o agente Araújo ali foi prender o primeiro, sob uma falsa acusação. Não há causa alguma que justifique a continuação destes homens na prisão. O segundo permanece na imundície e no isolamento dum calabouço do quartel de infantaria 17 em Beja não sabemos à ordem de quem.

Este ferroviário seguia no combóio para a Funcheira onde pertence, sendo avisado que o seu nome era o de Margelino da Costa, que era o nome do agente Araújo que o prendeu. O segundo permanece na prisão, não sabemos à ordem de quem.

E exclamava (no papel é claro):

— Estamos dispostos a amarrar todos os marítimos, mas escondidos de trás de várias pessoas, que escrevem espiando o odioso contra esta classe que lhes tem enchedo os cofres à conta de muito suor e de vidas, continuou as suas diatribes, não permitindo sequer, como manda a lealdade, que eles se defendam no mesmo lugar onde são offendidos.

E assim que *A Batalha* publicou o meu primeiro comunicado que levemente lhe regeitado pela *A Pátria*.

Mas o sr. Domingos Cruz, o autor das primeiras diatribes, volta ao assunto já um pouco mais humano sobre os marítimos.

E' claro que não nos move espírito de censura ao facto do sr. Cruz ter sido enfermeiro naval, isso só o pode aproximar de nós, e temos fé de que, quando se resolver a tratar do assunto como nos convida a nós a fazer, hâde acabar por nos dar razão quando o tirar do campo das abstracções para o colocar no único campo em que o podemos colocar:

*Podemos viver com os salários atuais?*

S. Ex. tem casa e família; indague quanto ganhamos e esperamos que responda à sua consciência e comunique a resposta aos seus leitores.

A seguir pontifico sobre Marinha Mercante o sr. Correia da Silva. O artigo começa pela choradeira do costume sobre os prejuízos ao nosso comércio marítimo que urge desenvolver, mas não há uma palavra só para um governo que está triunfando sobre o resto dos Transportes Marítimos, instilando criminosamente um valioso elemento de trabalho. Ou não estivemos juntos os armadores (?) e os agentes de navegação (cujos interesses brigam em todos os campos de parte a parte) a representarem a comédia *Os marítimos*.

Os camaradas não conhecem o sr. J. Correia da Silva?

Pois vou apresentar-lho.

Ponco nos importa & físico, a não ser uma pose autoritária quando trata de Marinha Mercante, que faz parecer verdade tudo quanto afirma, e que para o nosso caso se contém no seu artigo.

Tem S. Ex. uma longa prática de mar, adquirida nos botes & guigas de um clube de recreio qualquer da praça de Lisboa. Peito forte, voz forte, um pouco de sorte, e está feito um patrão... e até um comedour. Um dia vai-lhe para as mãos um navio, e está o indivíduo armado em armador.

Vem a guerra, e S. Ex. traz uma frota inteira, formada de alguns navios minúsculos, espécie de trapinhos e tarecos juntos, perfeita de infelizes, que os val-vens da sorte ajuntaram, e que em momento de abundância compraram cheios de muitas ideias (mas só de ideias) de grandezas. Não há um só dos navios chamados do sr. Correia da Silva que proporcionem comodidades ao pessoal, além das poucas que lhe dão os navios antigos.

Pois o sr. Correia da Silva comeu dos lucros da tal frota, onde se incluem rebocos & lanchões que durante todo o ano cruzaram a temível Biscaya, com sacrifícios que não pode ajudar quem conhece o mar só dos gasóleos de refeição. Pois só estes servidores honestos e prestantes que o sr. Correia da Silva aponta, com ingratidão aos olhos do público.

mais não na frota, nem depois porque os armadores nos mandaram consultá-los

sobre a conformidade; e claro, era preciso um mês para os sr. Brito do Rio, Correia da Silva e acólitos Carlos Pinho, etc., deixarem eu para fora: esse célebre aberto a que chamaram regulamento.

Oras bolas! sr. Correia da Silva.

Breve lhe descreveremos a biografia do sr. Brito do Rio para que se conheça quanto pernicioso éste perigoso elemento tem sido à marinha mercante portuguesa e às classes que guardaram culminâncias da alta finança, até ao momento de rebentar a grande guerra no mar, data em que este senhor desembarcou.

E' que no mar haviam submarinos inimigos — e então na ocasião de vir para terra expandir os seus ódios do refinado *atlântico* sobre todos aqueles que dignificavam a marinha mercante com o seu honrado trabalho!

Até breve, se for preciso os marítimos do longo curso dirão o que sabem.

António BRAZ

Fogueiro do longo curso

## Marítimos de Longo Curso

NOTA OFICIOSA DO COMITÉ

Camaradas: — Os mesmos informámos-nos nesse nesse combate por uma comum e legítima aspiração: conseguiram um pouco mais do bem estar a que têm indiscutivel direito todos os que trabalham.

Não desanimem! Lutam esforçadamente pela vossa liberdade, a que só têm direito os que sabem conquistar-la e defendê-la. A opressão com que nos querem esmagar, quanto maior for mais firmará a energia da nossa altitude e mais os arreigará a fé e nos incentivar a coragem para os embates da luta em que estamos empenhados.

Não desanimem! Lutam esforçadamente pela vossa liberdade, a que só têm direito os que sabem conquistar-la e defendê-la. A opressão com que nos querem esmagar, quanto maior for mais firmará a energia da nossa altitude e mais os arreigará a fé e nos incentivar a coragem para os embates da luta em que estamos empenhados.

Camaradas: — Os fracos e pulsilâmenos incuti com o vosso exemplo a serena coragem da consciência e o espírito de resistência que a justiça da vossa causa torna legítimo aos ignorantes iluminados com o facto da razão que nos assiste, de modo que, unidos num só bloco, formemos uma inexpugnável barreira contra os nossos adversários.

Camaradas: — Os fracos e pulsilâmenos incuti com o vosso exemplo a serena coragem da consciência e o espírito de resistência que a justiça da vossa causa torna legítimo aos ignorantes iluminados com o facto da razão que nos assiste, de modo que, unidos num só bloco, formemos uma inexpugnável barreira contra os nossos adversários.

Camaradas: — Os fracos e pulsilâmenos incuti com o vosso exemplo a serena coragem da consciência e o espírito de resistência que a justiça da vossa causa torna legítimo aos ignorantes iluminados com o facto da razão que nos assiste, de modo que, unidos num só bloco, formemos uma inexpugnável barreira contra os nossos adversários.

Camaradas: — Os fracos e pulsilâmenos incuti com o vosso exemplo a serena coragem da consciência e o espírito de resistência que a justiça da vossa causa torna legítimo aos ignorantes iluminados com o facto da razão que nos assiste, de modo que, unidos num só bloco, formemos uma inexpugnável barreira contra os nossos adversários.

Camaradas: — Os fracos e pulsilâmenos incuti com o vosso exemplo a serena coragem da consciência e o espírito de resistência que a justiça da vossa causa torna legítimo aos ignorantes iluminados com o facto da razão que nos assiste, de modo que, unidos num só bloco, formemos uma inexpugnável barreira contra os nossos adversários.

Camaradas: — Os fracos e pulsilâmenos incuti com o vosso exemplo a serena coragem da consciência e o espírito de resistência que a justiça da vossa causa torna legítimo aos ignorantes iluminados com o facto da razão que nos assiste, de modo que, unidos num só bloco, formemos uma inexpugnável barreira contra os nossos adversários.

Camaradas: — Os fracos e pulsilâmenos incuti com o vosso exemplo a serena coragem da consciência e o espírito de resistência que a justiça da vossa causa torna legítimo aos ignorantes iluminados com o facto da razão que nos assiste, de modo que, unidos num só bloco, formemos uma inexpugnável barreira contra os nossos adversários.

Camaradas: — Os fracos e pulsilâmenos incuti com o vosso exemplo a serena coragem da consciência e o espírito de resistência que a justiça da vossa causa torna legítimo aos ignorantes iluminados com o facto da razão que nos assiste, de modo que, unidos num só bloco, formemos uma inexpugnável barreira contra os nossos adversários.

Camaradas: — Os fracos e pulsilâmenos incuti com o vosso exemplo a serena coragem da consciência e o espírito de resistência que a justiça da vossa causa torna legítimo aos ignorantes iluminados com o facto da razão que nos assiste, de modo que, unidos num só bloco, formemos uma inexpugnável barreira contra os nossos adversários.

Camaradas: — Os fracos e pulsilâmenos incuti com o vosso exemplo a serena coragem da consciência e o espírito de resistência que a justiça da vossa causa torna legítimo aos ignorantes iluminados com o facto da razão que nos assiste, de modo que, unidos num só bloco, formemos uma inexpugnável barreira contra os nossos adversários.

Camaradas: — Os fracos e pulsilâmenos incuti com o vosso exemplo a serena coragem da consciência e o espírito de resistência que a justiça da vossa causa torna legítimo aos ignorantes iluminados com o facto da razão que nos assiste, de modo que, unidos num só bloco, formemos uma inexpugnável barreira contra os nossos adversários.

Camaradas: — Os fracos e pulsilâmenos incuti com o vosso exemplo a serena coragem da consciência e o espírito de resistência que a justiça da vossa causa torna legítimo aos ignorantes iluminados com o facto da razão que nos assiste, de modo que, unidos num só bloco, formemos uma inexpugnável barreira contra os nossos adversários.

Camaradas: — Os fracos e pulsilâmenos incuti com o vosso exemplo a serena coragem da consciência e o espírito de resistência que a justiça da vossa causa torna legítimo aos ignorantes iluminados com o facto da razão que nos assiste, de modo que, unidos num só bloco, formemos uma inexpugnável barreira contra os nossos adversários.

Camaradas: — Os fracos e pulsilâmenos incuti com o vosso exemplo a serena coragem da consciência e o espírito de resistência que a justiça da vossa causa torna legítimo aos ignorantes iluminados com o facto da razão que nos assiste, de modo que, unidos num só bloco, formemos uma inexpugnável barreira contra os nossos adversários.

Camaradas: — Os fracos e pulsilâmenos incuti com o vosso exemplo a serena coragem da consciência e o espírito de resistência que a justiça da vossa causa torna legítimo aos ignorantes iluminados com o facto da razão que nos assiste, de modo que, unidos num só bloco, formemos uma inexpugnável barreira contra os nossos adversários.

Camaradas: — Os fracos e pulsilâmenos incuti com o vosso exemplo a serena coragem da consciência e o espírito de resistência que a justiça da vossa causa torna legítimo aos ignorantes iluminados com o facto da razão que nos assiste, de modo que, unidos num só bloco, formemos uma inexpugnável barreira contra os nossos adversários.

Camaradas: — Os fracos e pulsilâmenos incuti com o vosso exemplo a serena coragem da consciência e o espírito de resistência que a justiça da vossa causa torna legítimo aos ignorantes iluminados com o facto da razão que nos assiste, de modo que, unidos num só bloco, formemos uma inexpugnável barreira contra os nossos adversários.

Camaradas: — Os fracos e pulsilâmenos incuti com o vosso exemplo a serena coragem da consciência e o espírito de resistência que a justiça da vossa causa torna legítimo aos ignorantes iluminados com o facto da razão que nos assiste, de modo que, unidos num só bloco, formemos uma inexpugnável barreira contra os nossos adversários.

Camaradas: — Os fracos e pulsilâmenos incuti com o vosso exemplo a serena coragem da consciência e o espírito de resistência que a justiça da vossa causa torna legítimo aos ignorantes iluminados com o facto da razão que nos assiste, de modo que, unidos num só bloco, formemos uma inexpugnável barreira contra os nossos adversários.

Camaradas: — Os fracos e pulsilâmenos incuti com o vosso exemplo a serena coragem da consciência e o espírito de resistência que a justiça da vossa causa torna legítimo aos ignorantes iluminados com o facto da razão que nos assiste, de modo que, unidos num só bloco, formemos uma inexpugnável barreira contra os nossos adversários.

Camaradas: — Os fracos e pulsilâmenos incuti com o vosso exemplo a serena coragem da consciência e o espírito de resistência que a justiça da vossa causa torna legítimo aos ignorantes iluminados com o facto da razão que nos assiste, de modo que, unidos num só bloco, formemos uma inexpugnável barreira contra os nossos adversários.

Camaradas: — Os fracos e pulsilâmenos incuti com o vosso exemplo a serena coragem da consciência e o espírito de resistência que a justiça da vossa causa torna legítimo aos ignorantes iluminados com o facto da razão que nos assiste, de modo que, unidos num só bloco, formemos uma inexpugnável barreira contra os nossos adversários.

Camaradas: —

## A escravatura moderna

## O INFERNO DOS PRESÍDIOS DE MARROCOS

## As torturas físicas - O excesso de trabalho - Os castigos corporais

Num recente artigo o jornal comunista "L'Humanité" contou dumha maneira ainda demasiado sumária, a vida horrenda que levam os presos no interior do presídio de Darbel-Hamri. Poder-se-ia acreditar ainda que os trabalhos físicos aos quais estão junjidos todo o dia da penitenciária vai obter-lhes um instante de esquecimento. Nada disso. Pelo contrário é quando os desgraçados são destacados para qualquer canto do matadouro marroquino que eles atingem os limites do sofrimento físico e moral. A chama que os guarda pode, com efeito, longe de toda a apariência de fiscalização, entregar-se ao prazer de torturar, de coração alegrado.

Mas antes de chegar à narração dos supícios inventados pela imaginação sádica da oficialada inferior, convém definir exactamente a mentalidade dessa última porque o narrador mais sóbrio e mais imparcial seria taxado de exagerado se uma atrocidade cerebral profunda não explicasse essa necessidade de ser cruel de que se não encontra exemplo entre os mais ferozes animais da criação.

## Uma gentalha indigna do nome de homens

Os oficiais inferiores afetos aos serviços penitenciários dos africanos constituem a escória dos exercícitos metropolitanos. Todos aqueles que tendo feito carreira militar por engajamentos renovados ou não, estão inaptos pela sua crassa ignorância, sua brutalidade usual e sua mentalidade primitiva, para conquistar normalmente um posto superior, pedem que os inviem - se não o são de ofício - para o serviço penitenciário onde os seus instintos poderão expandir-se livremente. Convém notar que do seu emprego de guarda-chuvas resulta para eles vantagens materiais.

O clima, por sua vez, acaba a obra de embrutecimento começada, pela caserna, nesses miseráveis arrebanhados.

## Nas estações isoladas

E' por ocasião do afastamento de penitenciária, quando um destacamento vai ocupar uma nova estação que os guarda-chuvas se entregam, com toda a segurança, às crueldades mais indignas.

O primeiro cuidado do chefe do destacamento que instala uma estação é construir logo pelos próprios presos um sistema de reclusão destinado a isolá-lo completamente do campo.

As barracas são armadas na própria estação e os presos dormirão ali. Escavam-se trincheiras e sentinelas negras, de espingardas carregadas, vigiam em rota.

Os presos são obrigados a um trabalho sobrehumano sem que a sua alimentação seja aumentada. No decurso dos trabalhos da nova vila Kenitra - Petítejan, cada grupo de quatro presos, devia extrair no espaço duma manhã 30 vagonetas de terra e eletuar o transporte céleste a uma distância de 300 metros. Estes algarismos haviam sido fixados pelo sargento da guarda que - como sempre aconteceu - eram largamente redistribuídos pelo empresário para activar a marcha do trabalho. Todo o grupo de quatro homens que não atingisse aqueles algarismos era privado de todo o alimento durante o dia inteiro, muitas vezes mesmo durante quarenta e oito horas. Dava-se então uma série de brigas entre os presos da mesma turma, os mais fortes acusando os mais fracos de os fazerem privar do alimento. Estas scenas vergonhosas faziam a alegria das tropas graduadas até ao momento em que, fárias do espetáculo, davam avisos às sentinelas de intervir à corombeira para resistirem a ordem.

E' a consequência lógica da resolução tomada na Secção de Cortiças da A. I. P. para a abstenção completa do industrialismo corticeiro na compra de cortiças no mato, sem que estas baixassem as possibilidades dos mercados de então. Mas, como fôda a gente sabe que o lavorador as não entregar pelos preços exigidos, logo a resistência destes se observou e intensificou, ao ponto de até hoje ainda se tem feito pouquíssimas vendas de cortiça no mato.

Por sua vez o industrialismo que estava cheio de cortiças baratas dos anos anteriores, continua na fabricação destas, mas numa escala muito inferior, de maneira que tem sido res-

truído pelo empresário para activar a marcha do trabalho. Todo o grupo de quatro homens que não atingisse aqueles algarismos era privado de todo o alimento durante o dia inteiro, muitas vezes mesmo durante quarenta e oito horas. Dava-se então uma série de brigas entre os presos da mesma turma, os mais fortes acusando os mais fracos de os fazerem privar do alimento. Estas scenas vergonhosas faziam a alegria das tropas graduadas até ao momento em que, fárias do espetáculo, davam avisos às sentinelas de intervir à corombeira para resistirem a ordem.

No decorrer desse mesmo trabalho, alguns presos privados de alimento por motivo de insuficiente rendimento do trabalho, comeram as ervas dos campos visinhos e dois senegaleiros, conhecendo pouco a flora de Marrocos, morreram em consequência de envenenamento por ingestão de ervas nocivas.

**Marcha ou morre!**

Nos campos entre os quilómetros 6 e 14, sempre entre Kenitra e Darbel-Hamri, um destacamento de 250 homens vindos de França, acampou - como por acaso - na proximidade de pântanos donde se evolavam nuvens de mosquitos. Os recém-chegados, a tal ponto es-

tavam fatigados e em tal grau fôram atacados de paludismo e disenteria que 60 dentre eles morreram em poucos meses. Os seus corpos repousam no vasto cemitério situado no exterior a lado da penitenciária, onde inúmeras cruzes (símbolo da Redenção) sobrepujam seus túmulos.

Numa herade dos arredores de Darbel-Hamri, estimulados por largas prebendas, os guardas exigiam dos presos a extração e a disposição em montes de 200 quilos de grossas raizes por dia e por cada preso. Como de costume, aqueles cujo estado físico não permitia satisfazer a este trabalho hercúleo, eram privados de alimento e isso até que o seu estado de esgotamento exigisse a sua transferência para a enfermaria!

**Uma besta!**

Antes de encerrar a enumeração de algumas das seviças que se desenrolam neste famoso troço da via ferrea Kenitra-Petítejan, convém assinalar a atenção dos nossos camaradas um crupuloso indíviduo que foi uma das mais ilustres figuras de Darbel-Hamri.

Este sargento, mutilado de dois de-

fios, foi o terror de todos os presos. Foi ele quem mandou servir a mão presa que se queixava de empolgas.

Foi ele ainda que mandou deitar, completamente nu, em pleno inverno, um outro preso, num fôsso, depois de um ter moido de pancadas. Este desgraçado teve, no dia seguinte, de dar baixa ao hospital.

E' ainda este mesmo sargento que aplicava, em companhia de um dos sua igualha, o açamo, durante muitas horas, às suas desgraçadas vítimas, e isto contra os regulamentos que problematica.

Seria pueril e demasiado longo enumerar todas as torturas inflingidas aos soldados de Barbel-Hamri que para lá são enviados de vez em quando por castigos de seis meses. Cela, privação de alimento, coroaduras, mordidas, açamo, são os lotes de cada dia, que cabem a todos os presos e isto em conformidade com os regulamentos penitenciários. Citaram-nos, contudo, certos factos especiais que a nossa imaginação se recusa a admitir e a respeito dos quais um novo inquérito nos fixará com exactidão.

**CAYROL.**

Antes de encerrar a enumeração de algumas das seviças que se desenrolam neste famoso troço da via ferrea Kenitra-Petítejan, convém assinalar a atenção dos nossos camaradas um crupuloso indíviduo que foi uma das mais ilustres figuras de Darbel-Hamri.

Este sargento, mutilado de dois de-

los, foi o terror de todos os presos. Foi ele quem mandou servir a mão presa que se queixava de empolgas.

Foi ele ainda que mandou deitar, completamente nu, em pleno inverno, um outro preso, num fôsso, depois de um ter moido de pancadas. Este desgraçado teve, no dia seguinte, de dar baixa ao hospital.

E' ainda este mesmo sargento que aplicava, em companhia de um dos sua igualha, o açamo, durante muitas horas, às suas desgraçadas vítimas, e isto contra os regulamentos que problematica.

Seria pueril e demasiado longo enumerar todas as torturas inflingidas aos soldados de Barbel-Hamri que para lá são enviados de vez em quando por castigos de seis meses. Cela, privação de alimento, coroaduras, mordidas, açamo, são os lotes de cada dia, que cabem a todos os presos e isto em conformidade com os regulamentos penitenciários. Citaram-nos, contudo, certos factos especiais que a nossa imaginação se recusa a admitir e a respeito dos quais um novo inquérito nos fixará com exactidão.

**CAYROL.**

Antes de encerrar a enumeração de algumas das seviças que se desenrolam neste famoso troço da via ferrea Kenitra-Petítejan, convém assinalar a atenção dos nossos camaradas um crupuloso indíviduo que foi uma das mais ilustres figuras de Darbel-Hamri.

Este sargento, mutilado de dois de-

los, foi o terror de todos os presos. Foi ele quem mandou servir a mão presa que se queixava de empolgas.

Foi ele ainda que mandou deitar, completamente nu, em pleno inverno, um outro preso, num fôsso, depois de um ter moido de pancadas. Este desgraçado teve, no dia seguinte, de dar baixa ao hospital.

E' ainda este mesmo sargento que aplicava, em companhia de um dos sua igualha, o açamo, durante muitas horas, às suas desgraçadas vítimas, e isto contra os regulamentos que problematica.

Seria pueril e demasiado longo enumerar todas as torturas inflingidas aos soldados de Barbel-Hamri que para lá são enviados de vez em quando por castigos de seis meses. Cela, privação de alimento, coroaduras, mordidas, açamo, são os lotes de cada dia, que cabem a todos os presos e isto em conformidade com os regulamentos penitenciários. Citaram-nos, contudo, certos factos especiais que a nossa imaginação se recusa a admitir e a respeito dos quais um novo inquérito nos fixará com exactidão.

**CAYROL.**

Antes de encerrar a enumeração de algumas das seviças que se desenrolam neste famoso troço da via ferrea Kenitra-Petítejan, convém assinalar a atenção dos nossos camaradas um crupuloso indíviduo que foi uma das mais ilustres figuras de Darbel-Hamri.

Este sargento, mutilado de dois de-

los, foi o terror de todos os presos. Foi ele quem mandou servir a mão presa que se queixava de empolgas.

Foi ele ainda que mandou deitar, completamente nu, em pleno inverno, um outro preso, num fôsso, depois de um ter moido de pancadas. Este desgraçado teve, no dia seguinte, de dar baixa ao hospital.

E' ainda este mesmo sargento que aplicava, em companhia de um dos sua igualha, o açamo, durante muitas horas, às suas desgraçadas vítimas, e isto contra os regulamentos que problematica.

Seria pueril e demasiado longo enumerar todas as torturas inflingidas aos soldados de Barbel-Hamri que para lá são enviados de vez em quando por castigos de seis meses. Cela, privação de alimento, coroaduras, mordidas, açamo, são os lotes de cada dia, que cabem a todos os presos e isto em conformidade com os regulamentos penitenciários. Citaram-nos, contudo, certos factos especiais que a nossa imaginação se recusa a admitir e a respeito dos quais um novo inquérito nos fixará com exactidão.

**CAYROL.**

Antes de encerrar a enumeração de algumas das seviças que se desenrolam neste famoso troço da via ferrea Kenitra-Petítejan, convém assinalar a atenção dos nossos camaradas um crupuloso indíviduo que foi uma das mais ilustres figuras de Darbel-Hamri.

Este sargento, mutilado de dois de-

los, foi o terror de todos os presos. Foi ele quem mandou servir a mão presa que se queixava de empolgas.

Foi ele ainda que mandou deitar, completamente nu, em pleno inverno, um outro preso, num fôsso, depois de um ter moido de pancadas. Este desgraçado teve, no dia seguinte, de dar baixa ao hospital.

E' ainda este mesmo sargento que aplicava, em companhia de um dos sua igualha, o açamo, durante muitas horas, às suas desgraçadas vítimas, e isto contra os regulamentos que problematica.

Seria pueril e demasiado longo enumerar todas as torturas inflingidas aos soldados de Barbel-Hamri que para lá são enviados de vez em quando por castigos de seis meses. Cela, privação de alimento, coroaduras, mordidas, açamo, são os lotes de cada dia, que cabem a todos os presos e isto em conformidade com os regulamentos penitenciários. Citaram-nos, contudo, certos factos especiais que a nossa imaginação se recusa a admitir e a respeito dos quais um novo inquérito nos fixará com exactidão.

**CAYROL.**

Antes de encerrar a enumeração de algumas das seviças que se desenrolam neste famoso troço da via ferrea Kenitra-Petítejan, convém assinalar a atenção dos nossos camaradas um crupuloso indíviduo que foi uma das mais ilustres figuras de Darbel-Hamri.

Este sargento, mutilado de dois de-

los, foi o terror de todos os presos. Foi ele quem mandou servir a mão presa que se queixava de empolgas.

Foi ele ainda que mandou deitar, completamente nu, em pleno inverno, um outro preso, num fôsso, depois de um ter moido de pancadas. Este desgraçado teve, no dia seguinte, de dar baixa ao hospital.

E' ainda este mesmo sargento que aplicava, em companhia de um dos sua igualha, o açamo, durante muitas horas, às suas desgraçadas vítimas, e isto contra os regulamentos que problematica.

Seria pueril e demasiado longo enumerar todas as torturas inflingidas aos soldados de Barbel-Hamri que para lá são enviados de vez em quando por castigos de seis meses. Cela, privação de alimento, coroaduras, mordidas, açamo, são os lotes de cada dia, que cabem a todos os presos e isto em conformidade com os regulamentos penitenciários. Citaram-nos, contudo, certos factos especiais que a nossa imaginação se recusa a admitir e a respeito dos quais um novo inquérito nos fixará com exactidão.

**CAYROL.**

Antes de encerrar a enumeração de algumas das seviças que se desenrolam neste famoso troço da via ferrea Kenitra-Petítejan, convém assinalar a atenção dos nossos camaradas um crupuloso indíviduo que foi uma das mais ilustres figuras de Darbel-Hamri.

Este sargento, mutilado de dois de-

los, foi o terror de todos os presos. Foi ele quem mandou servir a mão presa que se queixava de empolgas.

Foi ele ainda que mandou deitar, completamente nu, em pleno inverno, um outro preso, num fôsso, depois de um ter moido de pancadas. Este desgraçado teve, no dia seguinte, de dar baixa ao hospital.

E' ainda este mesmo sargento que aplicava, em companhia de um dos sua igualha, o açamo, durante muitas horas, às suas desgraçadas vítimas, e isto contra os regulamentos que problematica.

Seria pueril e demasiado longo enumerar todas as torturas inflingidas aos soldados de Barbel-Hamri que para lá são enviados de vez em quando por castigos de seis meses. Cela, privação de alimento, coroaduras, mordidas, açamo, são os lotes de cada dia, que cabem a todos os presos e isto em conformidade com os regulamentos penitenciários. Citaram-nos, contudo, certos factos especiais que a nossa imaginação se recusa a admitir e a respeito dos quais um novo inquérito nos fixará com exactidão.

**CAYROL.**

Antes de encerrar a enumeração de algumas das seviças que se desenrolam neste famoso troço da via ferrea Kenitra-Petítejan, convém assinalar a atenção dos nossos camaradas um crupuloso indíviduo que foi uma das mais ilustres figuras de Darbel-Hamri.

Este sargento, mutilado de dois de-

los, foi o terror de todos os presos. Foi ele quem mandou servir a mão presa que se queixava de empolgas.

Foi ele ainda que mandou deitar, completamente nu, em pleno inverno, um outro preso, num fôsso, depois de um ter moido de pancadas. Este desgraçado teve, no dia seguinte, de dar baixa ao hospital.

E' ainda este mesmo sargento que aplicava, em companhia de um dos sua igualha, o açamo, durante muitas horas, às suas desgraçadas vítimas, e isto contra os regulamentos que problematica.

Seria pueril e demasiado longo enumerar todas as torturas inflingidas aos soldados de Barbel-Hamri que para lá são enviados de vez em quando por castigos de seis meses. Cela, privação de alimento, coroaduras, mordidas, açamo, são os lotes de cada dia, que cabem a todos os presos e isto em conformidade com os regulamentos penitenciários. Citaram-nos, contudo, certos factos especiais que a nossa imaginação se recusa a admitir e a respeito dos quais um novo inquérito nos fixará com exactidão.

**CAYROL.**

Antes de encerrar a enumeração de algumas das seviças que se desenrolam neste famoso troço da via ferrea Kenitra-Petítejan, convém assinalar a atenção dos nossos camaradas um crupuloso indíviduo que foi uma das mais ilustres figuras de Darbel-Hamri.

Este sargento, mutilado de dois de-

los, foi o terror de todos os presos. Foi ele quem mandou servir a mão presa que se queixava de empolgas.

Foi ele ainda que mandou deitar, completamente nu, em pleno inverno, um outro preso, num fôsso, depois de um ter moido de pancadas. Este desgraçado teve, no dia seguinte, de dar baixa ao hospital.

E' ainda este mesmo sargento que aplicava, em companhia de um dos sua igualha, o açamo, durante muitas horas, às suas desgraçadas vítimas, e isto contra os regulamentos que problematica.

Seria pueril e demasiado longo enumerar todas as torturas inflingidas aos soldados de Barbel-Hamri que para lá são enviados de vez em quando por castigos de seis meses. Cela, privação de alimento, coroaduras, mordidas, açamo, são os lotes de cada dia, que cabem a todos os presos e isto em conformidade com os regulamentos penitenciários. Citaram-nos, contudo, certos factos especiais que a nossa imaginação se recusa a admitir e a respeito dos quais um novo inquérito nos fixará com exactidão.

**C**

## SECÇÃO DE LIVRARIA

## “A BATALHA”

LISBOA—Calçada do Combro, n.º 38-A, 2.º—PORTUGAL

O maior inimigo que se opõe à nossa felicidade encontra-se em nós próprios. E' a ignorância. Como aniquilá-lo? Lendo, lendo muito, lendo sempre e refletindo no que se lê.

Quanto mais sabemos, mais nos convencemos da nossa ignorância, da necessidade de saber mais.

E' assim, que a humanidade vai caminhando para a sua libertação.

Além das obras anunciamos, fornecemos outras de vários autores e editores. Enviamos com a maior prontidão para o continente, ilhas, colónias e estrangeiro, mediante a remessa antecipada da importância das obras pedidas.

Os preços de porte, além dos mencionados abaixo fazemos mais os seguintes:

Continente — Encomendas postais até 6 quilos \$350, pacotes até 2 quilos \$10 cada 50 gramas, e mais \$25 para registo em cada pacote. Ilhas — Encomendas postais, 6 quilos \$600. Brasil e Países do Império Postal — Pacotes de 2 quilos \$950. América do Norte — Pacotes até 5 quilos, \$600.

Há duas revoluções a fazer: Uma nos espíritos e outra nas ruas. A segunda depende da primeira.

Um revolucionário que não estuda é como um barco sem piloto.

Eduquemo-nos e instruam-nos antes de pretendermos educar e ensinar os outros.

O livro é o alimento espiritual do homem que deseja instruir-se.

## Publicações sociológicas

	Pelo correio	Pelo correio
Organização Social Sindicalista		
A. S. S. — Lisboa	300 360	300 360
A. S. S. — A Rússia bolchevista	300 280	300 280
A. Comuna		
A. maconaria e o proletariado	650 840	
Porque não creio em Deus.	1800 1820	
O Proletariado Histórico...	675 1400	
Agência Lux:		
O Sindicalismo e os intelectuais	650 860	
Bielman — O gênio geral	650 860	
Bacunine — No sentido em que somos anarquistas	650 840	
Carlos Rates — A ditadura do Proletariado	650 870	
Capela — Porque não creio em Deus	1800 1820	
Censo Ferraria — Os partidos políticos	280 240	
Chueca — Como não ser anarquista	650 850	
Content — O amor livre	350 380	
Dufour — O sindicalismo e a proxima revolução (2 vol.)	380 500	
Ennio Bossi — Cristo mártico	650 850	
Eliseu Freitas — A evolução legal e a anarquia	650 860	
Eisabacher — O anarquismo	400 460	
Elevant — Aminha defesa	650 850	
Ged Williams — Relatório do congresso da I. S. V. de Moscou	650 870	
Gladiador — A questão social no Brasil	650 870	
G. O. N. M. — Procriação consensual	650 860	
Gustavo Molina — Problemas sociais	280 240	
Gustavo Le Bon:		
As primeiras consequências da guerra (2 vols.)	400 460	
Ensinaimentos psicológicos da guerra europeia (2 vols.)	400 460	
Guyau — Ainda uma moral e obrigaçao nova sanção	550 850	
Hamon — A preferência da Paz e a sua obra	550 850	
Aspirações da guerra mundial	550 870	
O movimento operário na Grã-Bretanha	550 870	
Psicologia do socialista-anarquista	550 850	
A Crise do Socialismo	550 870	

## Obras de literatura, ciência e ensino

	Pelo correio	Pelo correio
Henrique Leone — O Sindicato	500 360	500 360
Ildefonso Salgado		
O culto da Imaculada	500 560	
Mentiras religiosas	280 560	
A Sociedade Futura	500 560	
Anarquia fina e meia	600 660	
O Individuo e a Sociedade	500 560	
João Bonança — O Seculo e o clero	280 510	
Joseph J. Ettor — Unionismos	500 510	
Jude Guedes — A ideia das liberdades	650 850	
Justus Ebert — Os L. W. W.	260 230	
Krapotkin		
A maconaria	500 510	
A Grande Revolução (2 vol.)	600 660	
A moralianarquia	650 850	
Os ensaiadores da guerra	650 820	
A Democracia burguesa e a Democracia proletária	280 510	
Os Problemas do Poder dos Soviets	1850 1860	
Landauer		
A Social Democrazia na Alemanha	650 850	
Malatesta		
O programa socialista-anarquista revolucionário	280 510	
Manuel Ribeiro — Na luta de logo	1850 1870	
Marx — O Capital (2 vols.)	400 460	
Max Nordau — A mentira religiosa	1800 1820	
Nietzsche		
Antropologia	280 510	
Genética da moral	280 510	
Ronaldo — Ao Trabalho Rural — Geografia	280 510	
Concepção Anarquista do Sindicismo	280 510	
Novicow — A emancipação da massa	280 510	
Parrot e Pouget — Como faremos a revolução	300 510	
Perfeito de Carvalho — Notas e comenários	650 870	
Prat — Necessidade da Associação	650 840	
Denoy — Descentes domacaco?	280 510	
Egas Moniz — A Vida Sexual	2500 2600	
Eça de Queiroz (2 vols.)		
O Primo Basílio	800 960	
O Mandarim	480 460	
O Mais (2 vol.)	1200 1360	
A Reliquia	600 640	
Padre das Santas	580 560	
Pratice Mendes	480 460	
Casa Ramires	600 640	
Prosas Barbas	580 560	
Ecos de Paris	480 460	
Cartas Familiares	480 460	
Cartas de Gilateria	480 460	
Minas de São João	500 560	
Notas Contemporâneas	700 800	

## Últimas páginas

Ernesto da Silva — Teatro II

e Arte Social

Ernesto Haeske

História da Cris

Origem do Homem

Os enigmas do universo

Monstro

Fausto

Iniciação filosófica

Faria do Vasconcelos

O Ensino Ético Social

Ensino escolar

Por terras de além mar

Flammarion

Iniciação astronómica

Contos de Luar

Teatro na Escola

Alfredo Neves Dias — Razão

(poema social)

Aquilino Ribeiro

O Monge de Cister (2 vols.)

Leões da Babilônia

Jardim das Tornadas

Terra do Demo

Via Sistemas

Bento Faría — Missa Nova (Teatro em verso)

Bento Mantua

O Fado (Teatro)

O Alcool e Gente Moça (Teatro)

A Morte e Ordinário marcha

(Teatro)

Binet-Sanglé — A Loucura de Jesus

Charles Darwin — Origem das espécies

Bucknor

O homem segundo a ciéncia

Deshumbert — Jesus de Nazaré

Denoy — Descendentes do macaco?

Egas Moniz — A Vida Sexual

Eça de Queiroz (2 vols.)

O Primo Basílio

O Mandarim

O Mais (2 vol.)

A Reliquia

Padre das Santas

Pratice Mendes

Casa Ramires

Prosas Barbas

Ecos de Paris

Cartas Familiares

Cartas de Gilateria

Minas de São João

Notas Contemporâneas

Elementos de Antropologia

## O Brasil e as Colônias Portuguesas

Cartas Peninsulares

Sistema dos mitos e fícções

religiosas

Orfebre Marçal

Asas claras

Origem da Vida

Spener

Educação intelectual, moral e física

Tolstoi

Sonata de Kreutzer

Toulouse — Como se deve educar o espírito

Vitor Hugo

Francia Belpica (2 vols.)

Novela e trés (3 vols.)

O Reia (3 vols.)

Os miseráveis (2 grossos volumes, mediastilados, encadernados)

Fausto

Felix de Dantec — As influências ancestrais

Fidalgo de Almeida

Estâncias da Arte e Saldade

Contos

Avós Migradores

Barbeiro, penteado

Cidade do Vício

Selimbau Quantos

Vida Ironica

Viagem à Vida

Fontenelle — Pluralidade dos mundos (2 vols.)

Gorki

Os gabinhos